

De encontros e desencontros

Projeto urbanístico e mobilidade da população são causas da dificuldade de integração entre as pessoas

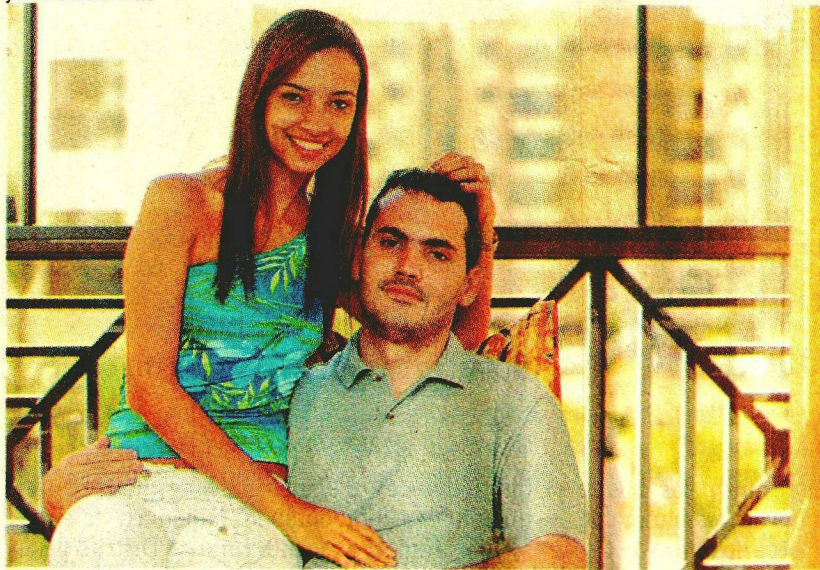
DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

Com linhas retas, pilotis abertos e amplo horizonte, o moderno projeto urbanístico e arquitetônico de Brasília é elogiado mundialmente. Para muitos visitantes ou recém-chegados, no entanto, o projeto de Lucio Costar dificulta a interação entre os moradores. A falta de esquinas e pontos de encontro é apontada como um dos motivos do distanciamento. “A estrutura da cidade torna a aproximação das pessoas quase impossível”, critica o economista carioca Bruno Moretti, 24 anos, que se mudou para a capital em agosto de 2004 para trabalhar no Ministério do Planejamento.

Apesar de morar na cidade há oito meses, o ciclo de amizade de Bruno se restringe aos colegas de trabalho. “O telefone de casa é praticamente para ligações interurbanas”, comenta. Mesmo nas saídas com os colegas ou com a mulher, a enfermeira carioca Juliana Moretti, 27, ele sente dificuldade em conhecer novas pessoas. “Como não há esquinas, os grupos combinam de se encontrar num determinado local e não se abrem para outros grupos”, afirma.

Jose Varella/CB/16.4.05



JULIANA E BRUNO, HÁ OITO MESES EM BRASÍLIA: TELEFONEMAS SÓ DA FAMÍLIA DISTANTE

O estudante de Direito na Universidade de Brasília (UnB) Bruno Fischgold, 23, sentiu a mesma dificuldade. Natural do Rio de Janeiro, ele deixou a

cidade natal há 12 anos, quando o pai se mudou para a capital para trabalhar. “No começo estranhei tudo, o clima, a organização da cidade e até os moradores. Tive muita dificuldade de me adaptar”, lembra. Depois de mais de uma década na cidade, no entanto, Bruno passou a contar com uma rede ampla de amizades e, mesmo com o retorno dos pais para o Rio de Janeiro, decidiu ficar em Brasília.

Ponte aérea

Outra característica apontada como motivo da falta de integração entre os moradores da cidade é a mobilidade da população. Com a troca de governo de quatro em quatro anos e a dança das cadeiras nos órgãos pú-

blicos, as mudanças fazem parte do cotidiano na sede da política nacional. Muitos, nos finais de semana, embarcam para a cidade natal. O aeroporto de Brasília é o terceiro em movimento no país.

Como o custo da ponte aérea pesa no orçamento, o jeito é recorrer a artifícios menos onerosos, como os meios de telecomunicação. Nas áreas onde o índice de migração é elevado, a presença de tecnologias que permitem o contato à distância é marcante. A região administrativa que apresenta o maior percentual de migrantes é o Sudoeste. Do total de habitantes, 21,2% chegaram ao Planalto Central nos últimos cinco anos. No bairro, 97% dos moradores possuem celular e 70% têm computadores conectados à internet.

Se para muitos Brasília é a capital da solidão, outros sustentam que a cidade é um enorme palco de encontros. O doutor em Arquitetura pela Universidade Técnica de Berlim e professor da Universidade de Brasília (UnB) Gabriel Dorfman é um deles. Para o arquiteto, o Distrito Federal funciona como ponto de encontro de moradores das mais diversas regiões. “É muito comum ver casais constituídos na capital com duas pessoas de regiões diferentes. A cidade promove encontros”, destaca.